



ISTO É SENHOR

SOCIEDADE

# Morte e vida kaiowá

*Índios se suicidam em protesto contra a miséria*

JOÃO BORGES E LUCIANO ANDRADE (FOTOS)

No dia 9 de outubro, uma terça-feira, o índio Dinho Inardi, de 19 anos, saiu para caçar. Horas depois, foi encontrado suspenso num galho de árvore, enforcado. Usou como instrumento para se suicidar sua velha cinta e tiras de sua própria camisa. Foi o 14º suicídio este ano entre os kaiowá, um subgrupo dos guaranis. Os suicídios poderiam ter chegado a 37, se outras 23 tentativas não tivessem fracassado. O cacique Irênio Icnardi, de 99 anos, apesar da idade ainda ágil e com força suficiente para trabalhar na pequena lavoura de milho que circunda a sua casa, fala com tristeza sobre a tragédia do povo kaiowá. Num português precário, que precisa do auxílio de seus filhos e netos para ser compreendido, Irênio ainda recorda o dia em que o marechal Cândido Rondon, "montado num cavalo branco", chegou à aldeia kaiowá, acompanhado de quatro pessoas.



Por mais que se insista, é impossível extrair do cacique Irênio ou de qualquer outro kaiowá uma explicação acabada para o grande número de suicídios, que se vai transformando aos poucos em um nítido processo de auto-extermínio. Irênio sabe identificar todos os problemas que atormentam a vida dos kaiowá e que, seguramente, formam o ambiente psíquico que está provocando os suicídios. Mesmo tendo seis casos de suicídio em sua própria família, o cacique não consegue, no entanto, explicar de que forma cada um daqueles indivíduos decidiram enforcar-se.

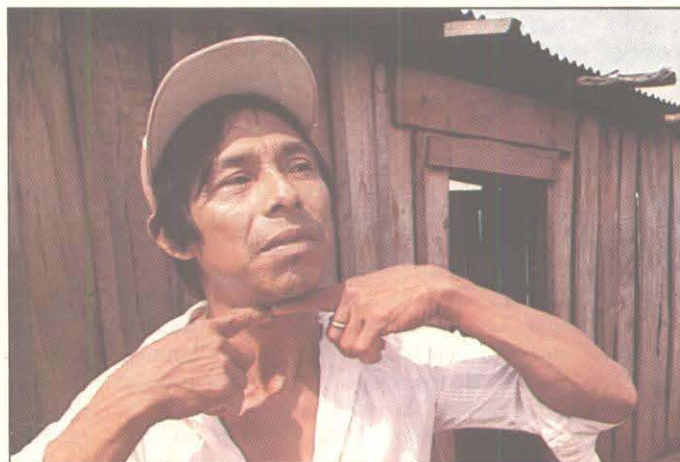
Com cerca de cinco mil índios, numa área de três mil hectares, a aldeia kaiowá é limítrofe ao perímetro urbano de Dourados, uma cidade com 150 mil habitantes, a 200 quilômetros de Campo Grande, a capital de Mato Grosso do Sul. Somente esse convívio com a cidade já seria suficiente para





### Morte em família

*O kaiowá Getúlio Ramires explica como os índios da reserva costumam se enforcar. Também sua filha, Geovina, se suicidou quando foi visitá-lo há um ano*



produzir um choque cultural capaz de abalar o modo de vida kaiowá. “Quando derramavam sangue de índio, tinha Rondon e tinha Horta Bardosa que ajudavam; agora não há mais isso”, diz o cacique Irênio,

numa frase que sintetiza o abandono e a falta de assistência em que vivem os kaiowá. O suicídio sempre esteve presente na cultura kaiowá. Mas até o final da década de 70, registravam-se no máximo dois casos por ano. A partir de 1980 o problema começou a assumir novas proporções. Em 1985, por exemplo, ocorreram cinco casos. Outros seis no ano seguinte. São os números que constam no livro de óbitos da Funai, em Dourados. Acredita-se, porém, que existem casos não registrados. De qualquer forma, as 14 mortes deste ano mais as 23 tentativas revelam que o problema do suicídio adquire dimensões de tragédia – uma tragédia pela qual tentam os kaiowá protestar contra a miséria em que vivem e a degra-

dação cultural que padecem.

A bebida alcoólica, que já invadiu a aldeia, é a explicação mais freqüente dada pelos próprios indígenas para a morte de seus irmãos. Uma versão que não resiste ao ser confrontada com dados fornecidos pelos parentes das vítimas. É grande o número de suicidados que não bebiam e não evidenciavam qualquer problema mental aparente. Se o enforcamento é o método mais comum, ocorreram também casos de envenenamento na aldeia. Usaram os índios para matar-se restos de venenos e defensivos agrícolas das fazendas vizinhas à reserva. A maioria dos suicídios ocorre entre jovens de 12 a 20 anos. São raros os casos acima de 40 anos. E o suicídio ocorre sempre de

forma surpreendente.

Em março deste ano, por exemplo, três adolescentes, entre 13 e 14 anos, foram surpreendidas num ritual macabro. Se abraçavam e choravam em um quarto. Acima da cama, amarradas a um caibro, as blusas de lã, com os nós já preparados, anunciavam um enforcamento triplice. Estavam se despedindo quando alguém, ouvindo o barulho, entrou no quarto e conseguiu evitar a morte das três adolescentes. Getúlio Ramires, 49 anos, filho do cacique Irênio Ramires,

conta com desembaraço o suicídio, há menos de um ano, de sua filha Geovina. Ela estudava no Paraná e vivia com uma senhora, que ele não sabe o nome, da igreja presbiteriana, que atua intensamente na reserva. “Ela veio ficar 15 dias aqui, estava alegre, mas três dias depois enforcou-se em uma árvore”, explica Getúlio. No mesmo dia e local, Clarinda, prima de Geovina, também se matou com um pedaço de corda amarrada ao pescoço. “Nós não sabe por que acontece isso”, completa Getúlio.

O suicídio de Geovina pode fornecer uma pista, dentre diversas outras, para a tragédia kaiowá. A psicóloga da Funai, Maria Aparecida Costa Pereira, que está pesquisando o problema, revela que estão pre- ▶▶





**Conversão**

*Cinco seitas atuam entre os índios, acirrando o conflito religioso e cultural dos kaiowá*

ximo, um metro e meio de altura. Não há, portanto, o salto no vazio, em que o peso do corpo causa a morte. É preciso que o suicida use a força de seus músculos para chegar à asfixia, à morte. São muito precárias as condições de sobrevivência. Sem assistência técnica e máquinas para trabalhar, os índios não conseguem produzir, nas pequenas áreas cultivadas, o suficiente para sustentar a família. “Hoje não tem mais passarinho, precisa criar galinha, não tem mais anta, tem que ter vaca”, afirma o cacique Irênio.

O trabalho como bóia-fria é a opção que resta. Nas grandes

sententes na reserva cinco seitas religiosas – Deus é Amor, Pentecostal, Igreja Evangélica Betel, Tabernáculo de Jesus, Deus é a Verdade. O trabalho de conversão dos kaiowá acirra o conflito cultural e religioso, estraçalhando os referenciais indígenas. Seria essa, por exemplo, a explicação para a grande incidência de suicídio entre os jovens. Os mais velhos ainda guardam os traços de sua cultura e religião. “Chega a um ponto em que o índio sabe que não pode ser branco, mas não é mais índio”, afirma a professora de História Marina Wenceslau, do Centro Universitário de Dourados. O suicídio de Geovina, três dias depois de retornar de um longo período de convivência com os brancos, pode não ter tido essa causa, mas se encaixa perfeitamente nesse raciocínio.

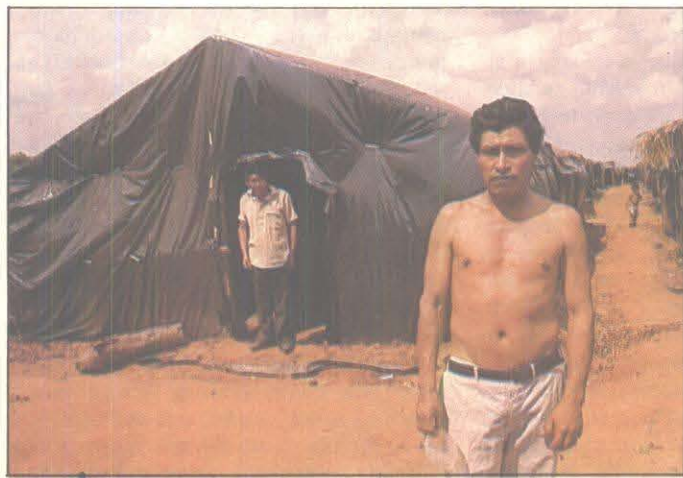
Há uma intrigante característica dos suicídios entre os kaiowá. Com uma frequência muito grande, eles ocorrem em grupos, como se um caso provocasse o outro.

No dia 28 de novembro de 1987, Agostina Valiente, de 16 anos, enforcou-se com uma corda. No dia seguinte, Lurdinha Martins, sua prima, tentou o suicídio, mas foi salva pela família. “Eram meninas alegres”, relata Hilário Paulos, do Conselho Indigenista Missionário, o Cimi, em Dourados, que conviveu com a família das vítimas. O único dado capaz de elucidar o suicídio de Agostina foi que, um mês antes, seu namorado também se suicidara.

**A** reserva kaiowá já está toda devastada. Ao longo das últimas décadas foi retirada a madeira de valor comercial e quase toda a área foi usada para o plantio de mandioca, milho e arroz – as culturas mais comuns entre os kaiowás. Nas pequenas manchas de florestas que ainda restam, ocorrem a maioria dos suicídios. Com outra característica que choca quem já teve oportunidade de ver a cena: a corda normalmente é amarrada em galhos de, no má-

destilarias de álcool na região de Dourados, levadas de índios kaiowá disputam o espaço com nordestinos no corte de cana. Na destilaria Rio Brilhante, a 160 quilômetros de Dourados, cerca de 200 índios trabalham duro no corte da cana, numa jornada que começa às 5h da manhã e termina às 5h da tarde, com um intervalo de menos de uma hora para o almoço. Se dentro da aldeia as condições de vida são difíceis, nos acampamentos da destilaria são subumanas. Os kaiowá ficam trabalhando dois meses ininterruptos, morando em barracões cobertos com plástico preto, sem qualquer ventilação. A temperatura em Dourados, à sombra, chega a 38 graus. Dentro dos barracões, o calor é insuportável.

Alguns desses bóias-frias, levam para o acampamento suas famílias. Enquanto trabalham no corte da cana, mulheres e crianças passam o dia dentro dos barracões. Firmino Bogarin, de 43 anos, diz que os seguranças da destilaria costumam castigar os





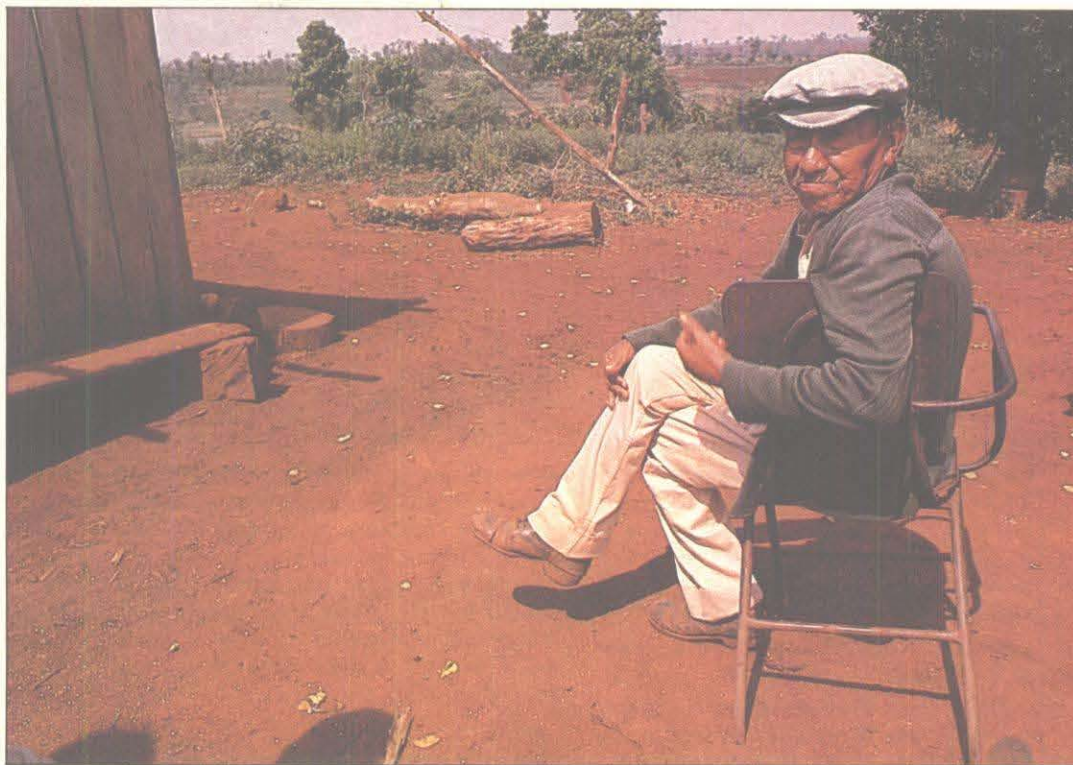
### Capitão Irênio

*Liderança que diminui com a miséria, a degradação cultural e os casos de morte*

índios. “Se alguém fugir do acampamento, o cabeçante manda buscar e bater.” O cabeçante é o que em outras regiões se chama de gato, aquele que aloca a mão-de-obra. Normalmente, no caso dos kaiowá é um índio mesmo que cumpre esse papel. Depois de dois meses na frente de trabalho, o kaiowá volta para a aldeia levando entre Cr\$ 10 mil e Cr\$ 15 mil. O dinheiro é insuficiente para a compra de produtos de necessidade básica para a família.

Ramon da Silva, 26 anos, casado, com três filhos, reclama da comida. “Acabo de almoçar e estou com fome”, diz. A alimentação suplementar é bagaço de cana. De manhã, pão com chá. No almoço, às 11h, arroz e um minúsculo pedaço de carne. O jantar, às 18h, limita-se ao arroz. Sobre o suicídio, Ramon tem uma opinião sucinta: “O índio vai ficando triste, vai ficando fraco, aí faz isso.” Crianças de 12 anos misturam-se no grupo de cortadores de cana. Não sabem quanto vão ganhar ao final dos dois meses de trabalho. Ramon faz sua reflexão: “Sou índio e isso me dói por todos os patricios, porque temos vontade de ser alguma coisa na vida.”

Os caciques, ou capitães, perdem, com a desagregação cultural, o poder de liderança na aldeia. Especialmente entre os mais jovens, que saem com frequência em busca de trabalho. “O capitão não faz nada, promete, mas acho que acabam envolvendo ele”, dizem. Referem-se ao capitão Biguá, que na terça-feira, 9, esteve em Brasília pressio-



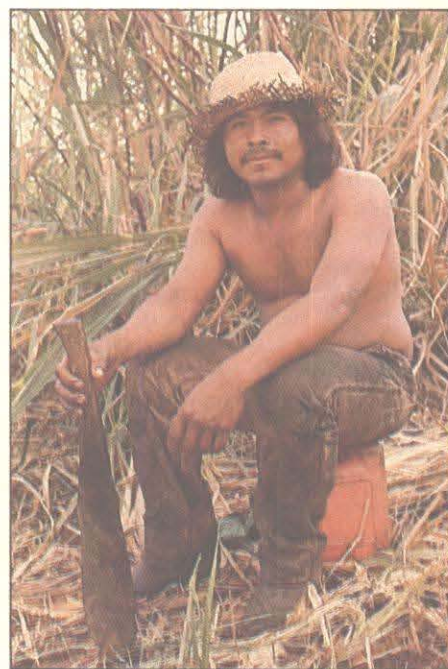
nando a Funai para dar assistência aos kaiowá. Biguá divide com Carlitos de Oliveira, outro cacique, a liderança na aldeia. A impotência para resolver os problemas da aldeia, associada ao massacre de informações a que os índios estão submetidos, seja pelo contato direto com a população de Dourados, seja pela influência das seitas religiosas, conduz inevitavelmente ao enfraquecimento do papel dessas lideranças. Na aldeia, comenta-se que Carlitos costuma beber além da conta. Cacique Irênio, sem citar nomes, queixa-se: “Tem mistura de pinga com chicha.” A chicha é uma bebida fermentada de milho, produzida e consumida para a festa da colheita que, hoje, só existe na memória dos mais velhos, como o próprio Irênio.

Se a memória de Irênio faz um registro positivo da presença de Cândido Rondon entre os kaiowá, a verdade é que o conflito cultural que está levando a aldeia à tragédia de hoje começou na década de 30, pouco

depois da passagem do marechal. O Serviço de Proteção ao Índio, o SPI, achou que seria conveniente induzir o avanço das técnicas de cultivo dos kaiowá. Para cumprir esse objetivo, levou para a área um grupo de índios terena – mais desenvolvidos no trabalho da agricultura. Embora não haja registro de violência entre as duas tribos, a convivência entre elas é muito problemática. Para se ter uma boa conversa com um kaiowá é bom nem citar a existência dos terena. O problema do contato com os terena deixa de ter expressão se comparado com a convivência diária que os kaiowá mantêm com a população de Dourados. A entrada da aldeia é praticamente ▶▶

### Cotidiano

*A vida dos kaiowá, na aldeia ou com a família, vem sendo marcada pela pobreza. Na agricultura, o uso de queimada e o trabalho como bóia-fria tornam-se rotina. Para Ramon da Silva (1º à dir.), o índio está ficando cada dia mais triste e muito mais fraco pela condição de vida,*





uma extensão de uma das ruas da cidade. Crianças e mulheres kaiowá são vistas a qualquer momento pedindo esmolas na cidade. Uma estrada asfaltada, que liga Dourados a Itaporã, corta toda a reserva. A área de 3,1 mil hectares, na verdade, já está toda segmentada.

Essa agressão ao espaço físico e a invasão das seitas religiosas que torpedeiam a cultura dos kaiowá ainda não foram suficientes para esmagar um aspecto fundamental para uma possível recuperação da aldeia: a língua. Todos os kaiowá falam o guarani, sendo que para muitos essa é a língua exclusiva. A professora Irene Raslann, do Centro Universitário de Dourados, pesquisa a cultura kaiowá e revela que eles dominam ainda o guarani puro, sem influências recentes e que só é compreendido entre eles.

Há, também, um forte sentimento de proteção da aldeia. Para visita-lá, é necessária a autorização de um dos caciques. Uma espécie de polícia interna se encarrega de garantir a proteção. "O capitão disse que não pode ter trabalho aqui e se jornalista insistir nós vamos catá", reagiu um índio dessa guarda, no sábado, acatando ordens dos caciques Biguá e Carlitos, que se encontravam em Brasília. *Catá* significa, segundo a professora Marina Wenceslau, prender a pessoa e entregá-la à Polícia Federal. Hilário Paulos, do Cimi, passou por essa dura experiência. Ele conta que em 1986, numa



noite em que foi deixar dois índios na reserva, foi abordado por Biguá quando já retornava a Dourados. O cacique, auxiliado por dois outros índios, surrou-o com um chicote e apreendeu sua caminhonete. O veículo foi recuperado meses depois, com quatro mil quilômetros rodados a mais, numa rua de Dourados. "Tive de sair de lá correndo", conta Paulos.

**O** suicídio dos kaiowá, até agora registrado apenas na imprensa de Dourados, começa a chamar a atenção fora da cidade. O senador Severo Gomes (PSDB-SP), presidente da Comissão da Ação pela Cidadania, acha que o respeito pelas sociedades indígenas é a única esperança. "O que está acontecendo é um verdadeiro genocídio, e sinto dizer que não sou otimista", diz ele. Severo Gomes observa que o índice de suicídio entre os índios nas aldeias dos Estados Unidos é duas vezes e meia superior do que a média do país. O que, para ele,

### Imitação do branco

Nas estradas, ingresso no subemprego que aprenderam nas cidades

mostra que o auto-extermínio como reação à agressão da civilização branca não é uma invenção dos índios do Brasil.

A realidade parece dar razão ao pessimismo do senador Severo Gomes. No caso dos kaiowá, a agrura da aldeia, sua infinidade de problemas, contrasta com a quantidade de órgãos e instituições que, supostamente, existem para auxiliá-los. Além da proliferação de seitas religiosas, estão lá a Funai e o Cimi. Tudo isso forma um conjunto de ações que cada vez mais desagrega a vida na aldeia, que vai transformando o índio num estoque de mão-de-obra barata. Ramon da Silva tem uma visão clara do dilema kaiowá. "Sem isso aqui - aponta para o canavial -, eu não sei o que seria", afirma ele, para observar em seguida: "O índio se suicida porque vê que a vida não tem jeito."

A três quilômetros de onde Ramon e seus companheiros cortam a cana, o gerente da destilaria Rio Brilhante, Ezequiel dos Santos, não aceita conversar sobre o trabalho indígena. Mas, provocado, dispara uma frase curta, que sintetiza sua visão: "Esses índios são uns vagabundos, são os párias da sociedade." Santos diz que só contrata os índios no final da safra, quando os outros peões já estão cansados. ●

## Sob o signo da morte

### Pesquisadores interpretam os kaiowá

*Desvendar o mistério do suicídio entre os índios kaiowá, sob a ótica da própria cultura kaiowá, é um desafio. As causas objetivas que estão associadas ao ato do suicídio são facilmente observáveis. Mas extrair o significado do gesto de se matar é uma tarefa muito complexa. O primeiro trabalho de que se tem notícia sobre o problema foi produzido pela antropóloga Marta Maria Azevedo, que viveu na aldeia durante três anos, entre 1978 e 1981, o que lhe permitiu, já naquela época, vivenciar o problema do suicídio na aldeia.*

*Partindo de uma análise do que é a vida e a morte para os índios kaiowá, ela chegou à conclusão de que o ato voluntário de morrer "exprime a vida de outro modo, não qualquer vida, mas uma determinada maneira de viver". O suicídio seria, então, uma forma de afirmar o "jeito de ser" dos*

*kaiowá. Marta Maria concluiu seu trabalho em agosto de 1987, quando o suicídio na aldeia ainda não havia assumido as proporções de agora. Na visão dela, o suicídio é um sintoma dos problemas que atingem a aldeia, mas também "um ato com vontade própria, onde se dá um julgamento total sobre o valor da vida".*

*Há um dado, entretanto, que evidencia um aspecto inquietante para o destino dos kaiowá. Os suicídios ocorrem sem que as lideranças demonstrem capacidade de interferência no processo. Na tradição kaiowá, os caciques, os mais velhos, tinham*

*um forte poder de aconselhamento frente aos problemas dos demais. Uma briga entre marido e mulher, que hoje provoca suicídio, era contornada pelas lideranças.*

*A psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira, que desenvolve um trabalho de avaliação das causas do suicídio e de fortalecimento das lideranças, revela em um documento encaminhado à presidência da Funai que entre as lideranças há o receio de que os suicídios venham a se tornar uma espécie de epidemia, atingindo coletivamente a aldeia. "Eles se matam para não morrer", interpreta Maria Aparecida. Sendo assim, o suicídio dos kaiowá é um salto para a vida. Um ato que, em sua simbologia, está carregado de um dramático protesto contra a sua agonia.*

### Difícil compreensão

*Para a psicóloga Maria Aparecida, os índios se matam para não morrer*

